

DEUS NOS SEGUE, NOS SONDA: DIÁLOGO DE SABERES

Elca Rubinstein é PhD em Economia pela Vanderbilt University, ex-professora dos Departamentos de Economia da Unb e da USP, e ex-funcionária do Banco Mundial em Washington, DC, Elca chega ao seu terceiro ato da vida com interesse e compromisso com uma nova carreira. Fez a formação rabínica no Alliance for Jewish Renewal e foi ordenada rabinia em 2020. Chamam-na Rabinia Rubi. No momento está aprendendo Budismo e participando de diálogos inter-religiosos. Aos 76 anos, ela olha para o futuro com prazer e antecipação pelos novos aprendizados.

E-mail: elcarubi@yahoo.com.br.

Francisca Cirlena Cunha Oliveira Suzuki, mestra e doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Brasil; Bacharel em Teologia na área de Teologia Cristã, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Licenciatura em Letras – Português/Inglês, pelo Centro Universitário FIEO; Membro do Grupo de Pesquisa: Tradução e Interpretação do Antigo Testamento TIAT-PUC-SP, cadastrado no CNPq.

E-mail: cirlenesuzuki@hotmail.com

RESUMO

O olhar do Rabino Abraham Joshua Heschel para o mundo será lembrado neste artigo como forma de fazer-lhe uma homenagem no 50º. ano de sua morte. Literariamente, se fará uma análise de dois poemas, ou seja, o encontro entre o Salmo 139 e um poema de Heschel, a revelar o olhar Divino sobre a vida cotidiana da criatura. Este ser humano é capaz de construir pontes para dialogar com o diferente a partir dos ensinamentos bíblicos, os quais ensinam a caminhar e, com isso, eleva o pensamento humano. Em um olhar pragmático ver-se-á o encontro de Heschel com os cristãos e, por fim, um olhar para os profetas da atualidade que rezam e caminham ao lado dos que lutam pela libertação dos viventes em situações desumanas.

Palavras-chave: Deus. Ser humano. Prece. Ação. Profecia

ABSTRACT

The perception of Rabbi Abraham Joshua Heschel toward the world is remembered in this article as means to honor him in the 50th year of his death. In a literary way, the article analyses two poems, comparing Psalm 139 and a poem written by Rabbi Heschel, revealing the Divine gaze over the creature's daily life. This human being is capable of building bridges in order to engage in dialogue with people who think differently. Those interactions based on biblical texts teach how to walk in this world and, in that way, elevate human thinking. In a more pragmatic view, the article will look at the encounter of Rabbi Heschel with Christians, and, finally, a look at the prophets of modern times who pray and walk alongside those who fight for the freedom of those who survive in inhuman situations.

Keywords: LORD. Human being. Prayer. Action. Prophecy.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a um exercício sobre diálogos de saberes em homenagem ao cinquentenário de morte de Abraham Joshua Heschel. No primeiro desses diálogos, efetivado entre as autoras do artigo, sendo uma teóloga católica e a outra uma rabinia, ambas se dispuseram a estudar juntas textos de Heschel. O diálogo foi bem-sucedido e corroborou para a crença de que o diálogo judaico-cristão pode

ser possível e produtivo. Nesse sentido, é importante criar oportunidades para que esse segundo tipo de diálogo de saberes, o diálogo judaico-cristão, possa intensificar-se e aperfeiçoar-se nos moldes dos diálogos inter-religiosos com os quais Heschel se envolveu. E o terceiro tipo de diálogo de saberes promovido por este artigo tem por base a análise realizada nos dois textos poéticos que tratam de uma mesma temática, sendo um deles um poema sagrado, o Salmo 139, que faz parte tanto do cânone judaico quanto do cânone cristão, e outro mundano, uma poesia escrita por um ser humano, Heschel.

A motivação para a criação deste artigo foi fazer memória do filósofo e rabino Abraham Joshua Heschel, esse grande pensador do mundo judaico, como forma de homenageá-lo no 50º ano de seu falecimento. Inicialmente, se fará uma breve apresentação da personalidade homenageada para entender melhor esse filósofo da religião em suas experiências de vida no judaísmo e como ativista civil. Também, ter algum contato com alguns de seus ensinamentos mais marcantes.

O coração do artigo quer ser a leitura de dois poemas, um de autoria de Heschel “Deus me segue em todos os lugares” e o outro que é o salmo 139 “SENHOR, Tu me sondas”, ambos serão analisados literariamente em busca dos paralelismos entre eles. A intertextualidade fica aparente tanto no diálogo do salmista, quanto nos sentimentos de Heschel. A ideia de que Deus busca o humano e pede uma resposta é o que inspira as reflexões deste texto. Fé e vida são duas dimensões entrelaçadas, reza-se com o corpo, pois, rezar não é apenas um evento particular, mas um ato público afirma Heschel.

Em torno da figura de Heschel, este pequeno estudo se propõe a demonstrar que o diálogo interreligioso constrói pontes entre religiões na busca do que há em comum entre elas, sobretudo o que possa convergir em práxis a favor dos viventes do planeta Terra. Heschel, como os cristãos, acredita que “Deus está em todo lugar e nunca nos dá uma tarefa sem também nos dar a força para realizá-la” (HESCHEL S, 2011, p. 18).

Heschel estuda os profetas bíblicos em uma tese doutoral, logo, a experiência profética que Heschel apreendeu do texto bíblico o impele, de alguma maneira, a experienciar o profetismo nas décadas de 1950 e 60. Por fim, é importante lançar um olhar para os profetas de hoje. Ou seja, de forma rápida, quer-se olhar para o

profetismo da atualidade a procura de ações humanas que possam ser respostas ao chamado de Deus, quando Ele nos sonda e nos segue.

Heschel, o ser humano

Abraham Joshua Heschel, rabino, filósofo, professor, pensador e ativista inspira a todos que entram em contato com suas ideias.

Histórico de vida¹

Nascido em Varsóvia em 1907, Heschel viu-se forçado a sair da Europa em 1940 para escapar da perseguição nazista. Nascido e criado no seio de uma importante família hassídica, passou sua infância e juventude na Polónia rodeado de rabinos piedosos e devotados, cujos ensinamentos tiveram muita influência em sua vida e em sua personalidade, o que se reflete em seus textos. Com a morte de seu pai em 1916, a família ficou muito empobrecida o que impôs ao jovem Heschel muitas agruras e muito aprendizado. Aos 20 anos, Heschel mudou-se para a Alemanha, que ele considerava ser o centro intelectual da época, em busca de oportunidades para aprofundar seus estudos. Ele entrou para o Escola Rabínica Reformista e para o Seminário Rabínico Ortodoxo, ao mesmo tempo em que iniciava outros estudos na Universidade de Berlim. Naturalmente, uma mistura pouco convencional, que já indicava o interesse de Heschel por novos métodos e abordagens e por um contato mais amplo com o mundo.

Heschel permaneceu na Alemanha até 1938, convivendo com as dificuldades que vinham sendo impostas aos judeus desde a ascensão nazista ao poder. Um exemplo disso é que sua tese de doutorado, finalizada em 1932, não pôde ser publicada na época: ele só pode receber o seu título de PhD vários anos mais tarde. Em 1938 ele foi deportado para a Polónia e no ano seguinte conseguiu ir para a Inglaterra onde viveu por mais um ano até obter um visto para ir para os Estados Unidos, deixando para trás sua mãe e suas três irmãs, as quais pereceram nos campos de concentração e extermínio. A perda de muitos familiares, professores e amigos deixaram marcas amargas na vida de Heschel.

¹ As informações sobre a vida de Heschel estão baseadas nos relatos incluídos em dois livros que Susannah Heschel, a única filha de Abraham Joshua Heschel, escreveu e/ou organizou para promover o legado do pai, ver Referências.

Nos Estados Unidos, Heschel morou os primeiros cinco anos em Cincinnati, onde aprendeu a língua inglesa enquanto ensinava no Hebrew Union College, um seminário dedicado a formação de rabinos reformistas, os quais tinham ideias bem diferentes das ideias mais ortodoxas de Heschel. Em 1945, foi viver em Nova York, contratado para lecionar no Jewish Theological Seminary (JTS), um centro formador de rabinos associado ao Movimento Conservador. Apesar das muitas diferenças entre o estilo de vida de Heschel e de seus alunos, Heschel permaneceu lecionando no JTS até o final de sua vida.

Em paralelo à sua vida acadêmica, Heschel se fazia presente com suas opiniões e suas ações em vários momentos da vida diária americana e do mundo. Ele se apresentava com posições claras e marcantes sobre vários assuntos, em especial sobre a Guerra do Vietnam, questões sobre a existência do Estado de Israel, sobre os problemas relacionados com a pobreza e o racismo nos Estados Unidos, bem como sobre os judeus na União Soviética.

Visões de mundo

Apesar de não ser um rabino hassídico no sentido mais tradicional, Heschel trouxe o Hassidismo para o mundo através de seus textos, suas aulas e palestras e, também, com seu estilo de vida, deixando um grande legado de ensinamentos àqueles que o leem. Mesmo vivendo uma vida ocidental moderna, Heschel manteve sempre uma conexão com o mundo hassídico. Ele apreciava visitar os rabinos mais velhos para rezar com eles. Ao mesmo tempo que mantinha essa visão intimista com a religiosidade, Heschel dizia que “para ser religioso era preciso nunca ser indiferente” ao que acontece ao redor, ou mesmo à distância. Para ele “assuntos políticos eram assuntos morais e se tornavam imperativos religiosos”. (HESCHEL S., 2011, p. 17.35).

Outro ensinamento de Heschel a ser refletido é o que ele diz sobre preces, ou seja, “preces perdem o significado se não forem subversivas” (HESCHEL S., 2011, p. 17). Há a necessidade de que as rezas não virem uma repetição mecânica, mas que coloquem os orantes em uma postura de alerta e de presença. Era preciso ir além do ensinamento das palavras do livro de rezas, ou seja, devia-se ensinar o que pode significar o ato de rezar. Nesse sentido, ele comentava que “talvez fosse possível uma pessoa cometer um crime e dar uma aula de matemática uma hora depois”; mas que seria praticamente impossível para alguém que cometesse um crime ir liderar uma

reza com profundidade e intenção porque “tudo o que fizemos na vida entra nas nossas orações”. (HESCHEL S., 2011, p. 37).

Muitos o consideram profético. Uma das mensagens proféticas de Heschel está em sua proposta sobre o “compromisso religioso, o qual deve ser construtivo e transformador” (HESCHEL S., 2011, p. 18). E essa mensagem não estava só no que ele dizia, mas também no que ele fazia e nos exemplos de vida que compartilhava. Martin Luther King disse em um de seus discursos que “Heschel era uma dessas pessoas que é relevante em todos os momentos, sempre mandando “insights” proféticos para guiar-nos em nossos dias mais difíceis” (HESCHEL S., 2011, p. 38).

Sua visão de mundo reflete duas grandes vertentes: de um lado a sua convicção sobre o judaísmo com suas propostas de uma vida, as quais ele considerava corretas. De outro lado, sua conexão com a humanidade e o mundo, seu compromisso e responsabilidade com a justiça e ações necessárias para realizá-la. Um ensinamento profundo ficou marcado em uma resposta que Heschel deu aos jornalistas em 1965, quando ele foi para Selma participar na marcha pelo direito do voto da população negra. Perguntaram-lhe por que ele não tinha ficado na sua sinagoga em Nova York, rezando, que era o que ele sabia fazer. Então, respondeu: “Eu senti que as minhas pernas estavam rezando” (HESCHEL S., 2011, p. 35). Outro ensinamento importante foi com relação a importância das palavras que se usa. Como ele costumava dizer, “as palavras são sagradas, a ferramenta de Deus ao criar o universo, e as ferramentas dos seres humanos para trazer santidade – ou maldade – para o mundo”. (HESCHEL S., 1996, kindle edition loc. 111). Como ele afirma, “Hitler não subiu ao poder com tanques, mas sim com palavras” (HESCHEL S., 2011, p. 32).

E, finalmente, Heschel deixa grande aprendizado através de sua prática no diálogo inter-religioso. Ele criou o conceito de “Teologia de Profundidade” que fala do “temor e da tremedeira nos corações das pessoas piás, independentemente da religião que professam” (HESCHEL S., 2011, p. 35). Ele realmente acreditava na possibilidade da interação entre as pessoas, para além de suas convicções religiosas, pois, deixou um grande legado ao participar de encontros com o Papa Paulo VI e o Papa João XXIII, contribuindo nas discussões do Concílio Vaticano II, conforme examinado ainda neste artigo.

Aparentes contradições

Heschel, em algumas situações, parecia ser um homem de aparentes contradições. Foi professor num seminário reformista e depois num seminário conservador, apesar do fato de ele ter muitas questões e críticas com relação ao modo como o judaísmo era propagado tanto por uma escola quanto pela outra. Como ele era um rabino que se identificava com o judaísmo ortodoxo, é notável que tenha conseguido fazer parte do corpo docente em instituições judaicas não ortodoxas.

Também como cidadão ele apresentava algum grau de contradição. Contrariamente, às atividades ou atitudes de rabinos ortodoxos como ele, Heschel assumia posições claras em questões mundanas. Era um ativista que clamava por justiça e verdade acima de tudo. O rabino ortodoxo e o ativista não pareciam ser a mesma pessoa ou, ainda, estar na mesma pessoa. Como Heschel conta em seu livro “A Passion for Truth”, ele se debatia entre as visões de dois diferentes grupos hassídicos, entre ser um rabino focado no amor e na compaixão, comprometido em ajudar seus seguidores em suas mazelas e, por outro lado, manter uma voz crítica que exigia honestidade, sinceridade e integridade na análise das causas dessas mazelas (HESCHEL S., 2011, p. 20).

Um terceiro tipo de contradição apareceria dentro de sua própria casa. Se de um lado sua residência e sua família seguiam todas as regras propostas pela ortodoxia, em algumas questões parecia ser de uma modernidade ímpar – além do seu tempo – com uma atitude a favor do feminismo antes da sua época, chegando a propor que sua filha se preparasse para se tornar rabina (HESCHEL S., 2011, p. 42).

Uma última aparente contradição, a se apresentar aqui, é o fato de que apesar de ser um conhecedor do judaísmo hassídico e estudioso de textos rabínicos profundos Heschel conseguia manter diálogo com lideranças cristãs como poucos rabinos antes dele o fizeram. Contudo, talvez, parte dessas contradições seja, exatamente, o que dá sabor à leitura dos textos de Heschel, e faz com que ele possa ser apreciado por todos que entram em contato com suas ideias.

Obra literária

Depois de cinco anos vivendo nos EUA, Heschel já havia adquirido proficiência na língua inglesa. Logo, passou a escrever muitos textos em inglês, no entanto, continuou a publicar em ídiche e em hebraico. No seu último livro “A Passion for Truth”, ele conta muito de suas emoções ao longo da vida. É autor de muitos livros cujo

conteúdo trata de temas importantes de forma inspiradora, sendo alguns deles intimamente ligados ao tema deste artigo.

Em seus primeiros livros, organizados nos anos iniciais de sua carreira no JTS, aparece uma linha temática. Heschel inicia uma comunicação com a comunidade judaica americana a fim de enfatizar o que o Judaísmo teria de especialmente bom para trazer aos judeus. Por exemplo, no livro “The Shabbat, (1951)”, Heschel não está preocupado com os rituais ligados ao Shabat, mas sim com a santidade que o Shabat poderia trazer a quem se dispusesse a abrir um espaço para isso. Ele escreve sobre a possibilidade de converter o tempo em eternidade (HESCHEL S., 2011, p. 27). Nos livros seguintes, “Man is not Alone (1951)” e “God in Search of Men (1955)”, Heschel expõe seu questionamento sobre como perceber a presença de Deus no mundo. Mais do que provar a existência de Deus, Heschel se preocupa em entender como os seres humanos podem reconhecer que Deus está a sua procura, em busca de ajuda para conseguir consertar o mundo (HESCHEL S., 2011, p. 27).

Frente à questão de ‘onde está Deus?’, Heschel sugeria que Deus está sempre presente, mas os humanos é que falham, ao não deixar Deus entrar no mundo. Em um de seus livros ele escreveu que Deus não partiu por sua própria vontade; Deus teria sido expulso do mundo. O ser humano o teria colocado em exílio, onde Ele aguarda para ser descoberto e readmitido neste mundo (HESCHEL S., 2011, p. 88). E é no contexto dessa temática que se destaca um poema que Heschel escreveu em sua juventude, quando tinha 20 anos, enquanto morava em Vilna (HESCHEL S., 2011, p. 89). O poema foi escrito originalmente em ídiche, a língua mais comumente falada entre os judeus hassídicos, e foi dedicado a um professor seu à época. O título dado ao poema é “Deus me segue em todos os lugares” e é sobre esse poema e sua proposta que recairá o foco na segunda parte deste artigo, numa comparação como o Salmo 139.

Dois poemas e uma proposta

A leitura do salmo 139 nos remete à visão do salmista em relação ao SENHOR, Deus de Israel. Ao rezar o orante conversa com Deus e sente-se qual criatura nas mãos de seu criador. Aquele que cria conhece sua criatura, sabe como a constituiu e quais são suas capacidades. No entanto, este criador quis sua arte imagética livre para escolher caminhos.

¹ Ó SENHOR, Tu me sondas e me conheces.
² Conheces meu sentar e meu levantar,
entendes meu propósito de longe.
³ Prescrutas meu andar e o meu deitar,
estás familiarizado com todos os meus caminhos.
⁴ Porque o discurso ainda não chegou até minha língua
e já o conheces inteiramente, ó Senhor.
⁵ por detrás e pela frente me apertas
e pões a palma de Tua mão sobre mim.
⁶ É um conhecimento admirável, superior a mim;
fica alto não o alcanço.
(A Bíblia Salmos, 2017, p. 315)

Os seis primeiros versículos desse salmo descrevem como o salmista sente-se diante da onisciência de Deus, desde o versículo um de onde ele parte do geral para depois prosseguir para o particular “SENHOR, Tu me sondas e me conheces” (Sl 139,1). Interessante pensar que o próprio homem luta para desenvolver a capacidade de conhecer a si mesmo, pois, tem dificuldade de escanear-se. No entanto, Deus já o esquadrinhou, tal qual um mineiro que busca pedras preciosas, ou seja, o SENHOR já o examinou profundamente.

O orante é um homem de Deus e experimenta em si o conhecimento que o Criador tem do ser humano. Ele sente que o SENHOR acompanha sua rotina desde o levantar até o seu deitar, os caminhos que percorre estão sob a visão de Deus. O cenário em perspectiva externa está ao alcance de Deus, porém, não só o aparente, o SENHOR é onisciente, logo conhece toda a trajetória do salmista até mesmo o aquilo que se encontra nas profundezas do seu ser, em zonas escuras, muitas vezes evitadas pelo próprio orante. O salmista percebe que Deus o conhece antecipadamente, sabe quais são as palavras que estão no processo de seu pensamento antes de serem verbalizadas (v. 2-4.8.9).

O ser humano seguido pelo SENHOR por detrás e pela frente não escapa dos olhos divinos (v. 5). Nesse sentido, o orante conhece os atributos de Deus, sabe que ao SENHOR pertence o passado, o presente e o futuro. Quem reza esse salmo sabe que o SENHOR é, também, onipresente, está em todos os lugares (vv. 7-12). Onde quer que o salmista vá lá está Deus. Com isso, o orante entende que o SENHOR está com ele, pois, coloca Sua mão divina sobre ele, o levanta, o consola, bem como, o

disciplina. O orante sente a presença de Deus seja para apertá-lo ou para ampará-lo (v. 5). O SENHOR é o criador, o libertador e, sobretudo, o que cuida, pois, ele é onisciente e onipresente, ele está em patamar inalcançável para o humano, reconhece o orante. Assim, o salmista expressa sua percepção em relação ao SENHOR, medita sobre este que segue sua criatura em todos os lugares. Contudo, esse orante sente a impotência do ser humano, pois, a grandeza de Deus é impenetrável pelo ser humano (v. 6).

O fiel aberto ao transcendente é capaz de perceber a presença do SENHOR, seja o salmista do texto bíblico, sejam, os homens e mulheres contemporâneos de todas as épocas. Por exemplo, ao olhar para um dos poemas de Heschel encontra-se um grande paralelismo com o salmo 139. O texto bíblico em si oferece conteúdo hermenêutico que se aproxima e/ou se distancia do ouvinte-leitor a depender do ponto do qual se lança o olhar. Segundo Ricoeur, a interpretação tem por fim compreender o “mundo” literário e teológico desenvolvido no texto” (RICOEUR, 2006, p. 22). No título do poema de Heschel é possível ver uma suposta dialética entre o salmista e Heschel, eles estão tematicamente em sintonia. O salmista declara que percebe a onisciência de Deus em seu viver, sente que o SENHOR o conhece, e Heschel diz em seu poema que o SENHOR o segue a todos os lugares, assim como o salmista afirma que Deus o sonda, ambos são observados e/ou acompanhados por Deus.

Veja-se a seguir o poema de Heschel:

DEUS ME SEGUE EM TODOS OS LUGARES

Deus me segue em todos os lugares,
Acena uma rede de olhares ao meu redor,
Deslumbra minhas costas cegas como um sol.

Deus me segue em todos os lugares como uma floresta.
Meus lábios estão constantemente atônitos, mudos,
Como uma criança tropeçando em um antigo santuário.

Deus me segue em todos os lugares como um estremeecedor
Anseio pelo descanso, mas dentro de mim soa o chamado:
“Vem!”
Veja como as visões permanecem nas ruas.”

Eu ando pelos meus pensamentos como um mistério,
Por um longo corredor através do mundo,
E às vezes lá no alto vejo a face de Deus sem rosto.

Deus me segue nos bondes, nos cafés –
Oh, somente por trás de minhas pupilas posso ver
como surgem os mistérios, como as visões aparecem!
(HESHEL S., 2011, p. 93)²

Heschel usa, nesse poema, uma linguagem poética para comunicar o que ele sente diante de Deus. Nesse sentido, é possível afirmar a existência de uma sintonia tanto na forma quanto no conteúdo entre o salmo 139 e o poema: “Deus me segue em todos os lugares” do filósofo religioso Abraham Joshua Heschel.

Na primeira estrofe, o poeta sente os olhos de Deus com a luz e o calor do sol por onde quer que ele vá. Na sequência, o poeta insiste em demonstrar a perseguição de Deus ao ponto de deixá-lo perdido no tempo e no espaço. Ele se compara com uma criança que se vê muito pequena na imensidão de um santuário, ele não sabe o que dizer, faltam-lhe palavras diante da grandeza do Deus criador.

Deus o segue, porém, o poeta quer descansar, não quer assumir missões, não quer promover mudanças, pois, isso é cansativo. Ele quer um descanso, mas o SENHOR o chama para ver o que acontece nas ruas, no mundo. De uma forma sutil Deus quer fazê-lo ver os acontecimentos à sua volta, porque é o que vai estremecê-lo. É o que vai fazê-lo sair da zona de conforto.

No entanto, de certa maneira, o poeta sente que seus pensamentos não são tão concretos e/ou racionais, eles viajam por lugares misteriosos, pois, não são facilmente identificáveis. O poeta parece querer ver Deus, mas Ele está muito no alto, inalcançável para um humano. Além disso, o poeta não pode ver o rosto de Deus, pois, aprendeu que o humano não tem permissão para conhecer o rosto de Deus. É Deus quem conhece a criatura, não o contrário.

Por fim, Herschel, o poeta, ratifica a sensação que ele tem de que Deus o segue no seu dia a dia, o SENHOR o acompanha em suas horas de trabalho ou de lazer. O poeta sente os olhos de Deus em sua vida, e seu próprio corpo facilita o entendimento dessa visão ou não-visão de Deus. Curiosamente, é quando a luz atravessa suas pupilas, fazendo seu papel de controlar a luminosidade para clarificar a visão,

² Tradução de Francisca Cirlena Suzuki, a partir do texto em inglês, que é uma tradução do original escrito em ídishe.

exatamente, nesse momento o poeta percebe que há mistérios que se levantam e ele pode ver o que está escondido.

De forma sutil e poética o poema fala de um Deus, que se revela na história através do humano, pois o poeta sente o olhar e o calor de Deus em suas costas, ele próprio vê a presença do mistério de Deus através do mecanismo de sua própria visão, o humano com seu corpo materializado é capaz de captar o transcendente em sua vida.

A imagem divina se mostra tanto na visão do orante do salmo 139, como no autodiscernimento de Heschel, pois, ambos demonstram passar por uma experiência transcendental. O poema de Heschel parece querer refletir sobre “a crise de valores que se abate sobre o mundo” moderno, este que deixa à mostra uma decadência da humanidade com respeito a valorização ou desvalorização da vida (Cf. GUERRA; NOGUEIRA, 2021, p. 336).

O pensamento de Abraham Heschel a esse respeito é de uma clareza tão cristalina que chega a espantar, pelo fato de que a civilização, dita moderna, não se dá conta de que, quanto mais se afasta dessa imagem divina e dos valores transcendentais, ela está assumindo a própria desumanização. Heschel identifica, assim, o envenenamento básico da civilização moderna: a morte do Sagrado. Com esse conceito, ele se refere à morte da “alma” do homem moderno. (GUERRA; NOGUEIRA, 2021, p. 336)

Nesse sentido, o poema de Heschel e o salmo 139 retratam uma busca de Deus pelo ser humano, o qual desatou-se de sua humanidade intrínseca. O contexto histórico de ambos os autores não faz parte do estudo deste artigo, no entanto, sobre o mundo moderno Heschel faz análises para entender o que ocorre com homens e mulheres que atravessam uma fase de perda do transcendente, da morte do sagrado e conseqüentemente da morte da alma do homem que desemboca na desumanização do humano.

Heschel em seu livro “God in Search of Man” afirma que “Deus é um desafio, não uma noção”, nós não pensamos em Deus, nós somos observados por ele. E mais, não podemos descrever Deus, até podemos nos dirigir a ele, no entanto, não conseguimos compreendê-lo. Incrivelmente, podemos sentir sua presença, mas não conseguimos entender sua essência. Enfim, Deus não é um objeto a ser compreendido, não é uma tese a ser defendida, assim como, Deus não é fatos,

tampouco ideais. Ao pensar em Deus somos pensados por ele. (HESCHEL, 1955, 159-60).

Heschel em diálogo com os cristãos

Heschel e a comunidade católica se aproximaram ao ponto de estabelecer um diálogo judaico-cristão com a participação de Abraham Heschel no Concílio Vaticano II. Essa relação trouxe à luz pensamentos comuns de cristãos e judeus, os quais possibilitam interação entre seres humanos de diferentes credos. Este diálogo precioso é capaz de produzir um ambiente favorável ao humano através do aprendizado contido na Sagrada Escritura, bem como, compartilhar ações concretas que ajudam a resgatar a 'imagem de deus' na criatura humana. Susannah, filha de Heschel diz:

Meu pai tinha relações pessoais estreitas com vários teólogos, monges e freiras católicos, incluindo Gustav Weigl, Thomas Merton, Theodore Hesburgh, Corita Kent e Leo Rudloff, abade do mosteiro beneditino em Vermont, e no movimento antiguerra ele trabalhou em estreita colaboração com Daniel e Philip Berrigan. Ele foi frequentemente convidado a falar em faculdades católicas, e seus escritos continuam sendo lidos pelos católicos como textos para meditação espiritual. Ele sentiu uma afinidade com os católicos, em parte com base na centralidade da lei canônica e do ritual formal dentro do catolicismo, mas também por causa das profundas e vibrantes tradições espirituais dentro do catolicismo.

(HESCHEL S., 1996, kindle edition, loc. 498)

Como dito acima, Abraham Joshua Heschel participou de um momento importante da Igreja Católica Apostólica Romana, quando a Igreja se propôs a fazer uma análise explícita e pormenorizada dos principais temas da era moderna em um Concílio Ecumênico na década de 1960. Vale lembrar neste artigo que no Concílio Vaticano II, além das quatro grandes Constituições conciliares, discutiu-se e foram redigidos o Decreto sobre o Ecumenismo – *Unitatis Redintegratio* – e a Declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs – *Nostra Aetate* –, na qual o quarto parágrafo é dedicado ao judaísmo. Ambos os Documentos do Concílio, finalizados em 1964 e 1965, respectivamente, são indissociáveis, como já revela a história de sua criação.

Hoje, que o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual sua relação com as religiões não-cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm em comum e os leva à convivência. (*Nostra Aetate*, n. 1)

Considerando-se que “os homens constituem todos uma só comunidade; todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano”, a Igreja desejou aproximar-se dos não-cristãos e o Concílio Vaticano II foi um canal indispensável para esse feito. De fato, as religiões buscam por respostas sobre a condição humana que se torna cada vez mais difícil de ser entendida pela criatura de Deus. Homens e mulheres esperam das religiões respostas para suas questões existenciais, tais como: “que é o homem? qual o sentido e a finalidade da vida? que é o pecado? Donde provém e para que serve o sofrimento?” Além disso, a felicidade, a morte e o depois da morte são grandes temas de reflexão humana, sobretudo a não-compreensão do mistério transcendente e inefável do ser Supremo.

Heschel, como filósofo da religião, deixa em sua obra pensamentos e reflexões importantes a envolver razão e mistério quando trata da relação Deus e o ser humano.

No livro *Deus em busca do homem*, de 1955, Heschel define o homem como sendo uma necessidade de Deus. Essa noção, derivada da mística judaica, afirma que Deus necessita do homem para que por meio dele possa realizar na história humana o *tikun*, isto é, o concerto redentor, pelo qual o *homo sapiens* por seus próprios atos viria a se humanizar. A humanização, como podemos ver, sendo uma tarefa do próprio homem, é também um ato sagrado. É dessa forma que Heschel interpreta o versículo bíblico, que diz: “Deveis ser santos, como teu Deus é santo” (Lev. 19:2) Este é outro aspecto do ser humano com a dimensão divina em busca de sua auto-humanização. (...) a realização de uma *mitzvá* santifica aquele que a realiza. Santificar tem em si um sentido de imitar o ato divino, de aproximar o homem de Deus, de torná-lo a imagem divina. Essa noção da importância da *mitzvá* perpassa toda a tradição judaica. (LEONE, 2002, p. 179-180).

A interpretação de Heschel reflete o pensamento judaico, que também é cristão, ao ver o homem feito à imagem e semelhança de Deus e, neste sentido, o humano percebe a presença de Deus na história. O humano sente-se impelido a responder a busca de Deus através de sua própria atitude em busca de sua

humanização perdida. A prática da humanização se dá na relação do humano para com outro humano traduzida em atitude de empatia e fraternidade, independentemente, da religião na qual o homem ou a mulher professe sua fé no Deus criador. Os questionamentos humanos estarão presentes no seio das religiões onde o ser humano tenta achar uma maneira de encontrar o transcendente.

O diálogo entre judeus e cristãos se fortaleceu durante o Concílio Vaticano II, especialmente, através da elaboração da Declaração *Nostra Aetate*, documento que oficializou a aproximação de cristãos e judeus. A Igreja recorda que os apóstolos, considerados colunas da Igreja, nasceram do povo judaico, bem como os primeiros discípulos que se juntaram às primeiras comunidades cristãs, os quais se tornaram anunciadores do Evangelho de Cristo ao mundo. Assim, Judeus e cristãos têm uma base comum nas Sagradas Escrituras.

“Sendo assim tão grande o património espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos.” (*Nostra Aetate*, n. 4)

Com isso, podemos vislumbrar quão importante se tornam os estudos teológicos judaico-cristãos. O profetismo, por exemplo, é algo conhecido tanto pelos judeus quanto pelos cristãos por meio da Sagrada Escritura, haja vista, o comportamento dos primeiros cristãos que por excelência foram fiéis e testemunharam a fé em Jesus Cristo até as últimas consequências. A tradição cristã tem o testemunho profético, de certa maneira, como lema. A Igreja tem centenas de mártires que enfrentaram situações de morte para defender ‘fé’ e ‘vida’. Nesse sentido, os estudos de Heschel a respeito do comportamento humano diante do Divino e, sobretudo o texto sobre Deus em busca do humano, contribuem como reflexão para a teologia.

Em termos de testemunho, certa vez, Heschel declarou saber rezar com as pernas. Em outra ocasião, perguntaram-lhe por que estava em uma manifestação contra a guerra no Vietnã, respondeu: “Eu estou aqui, porque eu não consigo rezar”. Obviamente a jornalista não entendeu como um rabino não conseguia rezar, então ele explicou: “toda vez que eu abro o livro de orações, eu vejo diante de mim imagens de crianças queimando” (HESCHEL S., 2011, p. 17). Diante desse testemunho podemos inferir que Heschel encontrava dificuldades para fazer preces isoladas de ações, visto

que as ações são capazes de transformar as situações de sofrimento humano. Para Heschel 'fé' e 'vida' não é dicotômica, pelo contrário, oração e ação precisam caminhar juntas. Naquela marcha havia uma questão de corresponsabilidade social, ou seja, mostrar oposição ao que oprime o ser humano, imagem do divino, é uma ação profética, um pedido de justiça.

Nesse sentido, a visão de Heschel sobre a dinâmica da religião vai ao encontro do pensamento dos cristãos desde as primeiras comunidades até os dias hodiernos. A tradição da Igreja vem ao longo do tempo demonstrando sua entrega em missão a favor da pessoa humana. Mais recentemente, em 2013, Papa Francisco, atual Sumo Pontífice da Igreja Católica, alarga seu olhar no sentido de romper com práticas e protocolos obsoletos, ele faz de seu ministério um testemunho para o mundo. “Francisco enxerga os Sinais dos Tempos e escreve sobre eles, mas não fica na letra, com gestos e à luz do evangelho rompe preconceitos, cria possibilidades de diálogo inter-religioso” (SUZUKI, 2019, p. 487). Em termos de comunidade mundial, atualmente, Papa Francisco esforça-se em dialogar sobre o cuidado da casa comum. Da casa que pertence a todos os viventes com seus direitos e deveres, sobretudo esforça-se para estabelecer uma conversa com o humano, o qual recebeu um comando do Deus criador (Gn 1,26)³. Segundo Francisco “a Palavra de Deus ultrapassa o espaço, o tempo, as religiões e as culturas. A generosidade que apoia o vulnerável, consola o aflito, mitiga os sofrimentos, devolve dignidade a quem dela está privado, é condição para uma vida plenamente humana” (PAPA FRANCISCO, 2020, n.3).

O caminho percorrido e a perfazer por judeus e cristãos está em vias paralelas e às vezes em encruzilhadas também. No entanto, percebe-se que tanto o judaísmo quanto o cristianismo querem ouvir o que o SENHOR ao buscar pelo ser humano quer lhe dizer. O amor a Deus passa inevitavelmente pelo amor ao outro ser vivo, seja ele de qualquer natureza. Heschel em sua obra “Deus em busca do homem” afirma que Deus não está sempre em silêncio, tampouco, o humano está sempre cego. Nesse sentido, o humano é chamado a olhar para o próximo com amor, pois, foi ensinado

³ אָמַר אֱלֹהִים בְּעֵשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ כְּדֹמוֹתֵנוּ וְיִרְדּוּ בְדִגְתַּי הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבַבְּהֵמָה וּבְכָל־הָאָרֶץ וּבְכָל־הַרְמֵשׂ הָרֶמֶשׂ עַל־הָאָרֶץ: E Deus disse: “Façamos o humano à nossa imagem, conforme nossa semelhança. Que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos acima da terra, bem como sobre réptil que rasteja sobre a terra”.

“como ajudar, como guiar outros seres vivos”, a manifestação do SENHOR na história mostra que há um momento em que “a alma do homem comunga com a glória de Deus”. (HESCHEL S., 2011, p. 95.94). E esta comunhão tem a ver com contato humano e com as pontes que podem ser construídas em nome de um relacionamento humanizado em busca do que se apreende do Divino.

O princípio do pensamento situacional é, sem dúvida, imparcialidade, mas também estupefação, temor, envolvimento. [...] A não ser que estejamos amando ou lembremos vivamente o que nos aconteceu quando estávamos amando, ignoramos o amor” (HESCHEL, 1975, p. 19).

Heschel, em seus estudos, discorre sobre a existência de três caminhos, os quais podem ser meios para contemplar Deus por cristãos e, obviamente, por judeus, de acordo com Heschel (1975, p. 51, apud HAZAN, PONDÉ, 2018, p. 122) “foi isto o que Israel descobriu: o Deus da natureza é o Deus da história, e o caminho para conhecê-lo é fazer a sua vontade”. O primeiro desses caminhos é sentir a presença de Deus no mundo e nas coisas, conforme Isaías 40,26: “Levantai ao alto vossos olhos, quem criou estas coisas?”, ou seja, olhar para toda a criação. A segunda via é perceber a presença de Deus nos textos da Sagrada Escritura, por exemplo, em Ex 20,2 Deus se apresenta ao humano: “Eu sou o Senhor teu Deus” e em seguida há uma grande narrativa sobre os mandamentos deste Deus ao povo de Israel. E, o terceiro caminho está no sentir a presença de Deus nos rituais sagrados, pois, nestes momentos os crentes partilham a experiência de sentir a presença do SENHOR de forma coletiva, assim como acreditaram os israelitas ao receberem os mandamentos de Deus e responderam a Moisés: “Tudo o que o SENHOR tem falado, faremos” (Ex 24,7) (HAZAN; PONDÉ, 2018, 127).

Heschel pensava que a religião, nas décadas de 1950 e 1960, não podia existir apenas com finalidade social, ou seja, como ferramenta usada para aliviar o estresse ou acalmar os medos ou, ainda, usada para manter a família unida ou reunida. No pensamento de Heschel “a religião deve confortar o aflito”, conta sua filha Susannah, “mas também deve afligir o confortável” (HESCHEL S., 2011, p. 39). Esta abordagem vinda de um rabino, filósofo, pensador sobre o tema religião está em consonância com os pensadores do cristianismo expostos nos documentos do Magistério da Igreja, hoje transmitido pelo Papa Francisco de maneira acessível a todo o vivente da casa comum, do planeta Terra. Como Heschel, os cristãos católicos pensam que a religião,

realmente, deve servir para conforto da alma, mas não só, precisa sair do conforto e provocar mudanças para os seres vivos oprimidos e em situação de sofrimento.

Em 2015, por ocasião da comemoração dos cinquenta anos do Vaticano II, [Francisco] escreve a encíclica *Laudato Si*. [...] sobre ecologia integral, numa visão articulada mostra a importância da relação, o todo está relacionado à parte e a parte está relacionada ao todo. Num método de conjunção e disjunção — separa para ver a particularidade e depois integra —, para se enxergar o todo. [...] Francisco faz memória, nos primeiros números da *Laudato Si*, sobre a preocupação da Igreja com as coisas do mundo e começa por citar João XXIII com “sua mensagem *Pacem in Terris* a todo o mundo católico” e a homens e mulheres de boa vontade. Em 1971, Paulo VI pronunciou-se sobre os problemas ecológicos, colocando-os como consequência do uso desordenado dos recursos naturais pelo ser humano e ressalta a “necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade”, pois os avanços tecnológicos e científicos podem se voltar contra o próprio homem, se não estiverem alinhados ao “progresso social e moral”. (SUZUKI, 2019, p. 499-500).

O diálogo interreligioso constrói pontes entre homens e mulheres que se deixam buscar por Deus e, por isso, são capazes de perceber as intenções do SENHOR no resgate da ‘imagem de Deus’ na criatura humana, bem como o bem-estar de todos os viventes. No entanto, para que as pontes tenham utilidade é preciso atravessá-las.

Profetas rezam e caminham

O conceito mais comum que se ouve ou lê quando se menciona o papel do profeta é: o profeta é chamado para anunciar as maravilhas de Deus e denunciar as injustiças presentes no mundo. Neste sentido, o texto sagrado retrata os profetas dentro de um contexto em determinada época em que o profetismo era um serviço prestado à monarquia e às religiões. Apesar da “era de o profetismo clássico ter chegado ao fim, os ensinamentos dos profetas e a natureza da experiência profética continua com lições importantes para os dias atuais” (HESCHEL S., 2011, p. 60). Em seus estudos Heschel quis entender a natureza da experiência profética ao ponto de defender uma tese doutoral sobre esse tema. Ele investigava com o interesse de saber o que é a experiência de ser um profeta e como os profetas experimentam o chamado de Deus e sua mensagem. Com isso, fica a impressão que Heschel concordou que o profeta é chamado por Deus, logo pode-se inferir que o profeta é tirado do seu

cotidiano, é um vivente em seu habitat natural. O rabino Heschel se abriu a uma experiência profética quando ouviu um chamado de Deus para deixar seu livro de oração e ir se juntar aos ativistas civis contra a guerra do Vietnã. Movido pela compaixão apreendida do texto sagrado ele estava consciente de que “a guerra não é somente um problema político, mas um problema moral. A oposição à guerra do Vietnã estava enraizada na compreensão que meu pai tinha sobre o texto bíblico, especialmente sobre os profetas” diz Susannah. (HESCHEL S., 2011, p. 61).

No século XXI ainda, há muitos humanos aprendendo dos profetas bíblicos sejam judeus ou cristãos ou, ainda, de outras religiões que sentem a necessidade de anunciar a presença de Deus e denunciar as injustiças praticadas pelos próprios seres considerados humanos. Papa Francisco, um homem de Deus, por sua vez, também ouviu o chamado de Deus para entregar sua vida a serviço da humanidade. Logo que assumiu o papado em 2013, Francisco saiu das quatro paredes do Vaticano e buscou encontrar os humanos oprimidos e sofredores despatriados de Lampedusa: homens, mulheres e crianças migrantes refugiados por diferentes motivações, tais como: guerras, desastres naturais, terrorismo e outras causas que os afastaram de seus lares, de seu lugar, de sua língua mãe.

Pensei dedicar a mensagem para o 107º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado ao tema «Rumo a um *nós* cada vez maior», pretendendo assim indicar claramente um horizonte para o nosso caminho comum neste mundo. *A história do «nós»*. Este horizonte encontra-se no próprio projeto criador de Deus: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei, multiplicai-vos”» (*Gn 1, 27-28*). Deus criou-nos homem e mulher, seres diferentes e complementares para formarem, juntos, um *nós* destinado a tornar-se cada vez maior com a multiplicação das gerações. Deus criou-nos à sua imagem, à imagem do seu Ser Uno e Trino, comunhão na diversidade.

(Mensagem do Papa Francisco para o 107º dia mundial do migrante e do refugiado, 2021)

Amós, humano chamado por Deus, profeta do século VIII AEC, falava e agia por justiça social no seu tempo. E continua a ser referência de profeta ao lermos e/ou ouvirmos as narrativas, nas quais ele denuncia os exploradores da classe social empobrecida formada de homens e mulheres que trabalham duro para entregar parte de seu trabalho no pagamento de altos impostos. Como se não bastasse, ainda eram

roubados ao venderem seu trigo (Am 5,11), pois, balanças e moedas eram facilmente manipuladas pela classe dominante para enganar o desfavorecido (Am 8,5-6). Amós alerta: “ouvi isto, vós que esmagais o indigente e quereis eliminar os pobres da terra” (Am 8,4), ele fala em nome de um Deus que deseja justiça.

Nesse sentido, profetas do século XXI tem visões de homens, mulheres e crianças passando fome, sem um teto para abrigarem-se, mulheres cerceadas em seus direitos, também, seres humanos em trabalhos escravos vítimas do tráfico humano. Esses são alguns exemplos de situações enfrentadas por seres feitos à imagem de Deus, humanos que se encontram em situações de opressão e sofrimento com a dignidade de filhos de Deus abalada. Diante de estados de vida como esses surgem profetas em todos os tempos, eles escutam o chamado de Deus e respondem com projetos de restauração da vida daqueles em situação de dor.

Grandes ativistas lutam por um mundo melhor seja em favor da dignidade e do respeito dos seres humanos, seja na proteção do planeta, a casa que acolhe todos os seres viventes. Vale lembrar Papa Francisco: “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22). Esquecemo-nos que nós mesmos somos terra (Cf. Gn 2,27)” (Cf. Laudato Si n. 2).

Arremate -

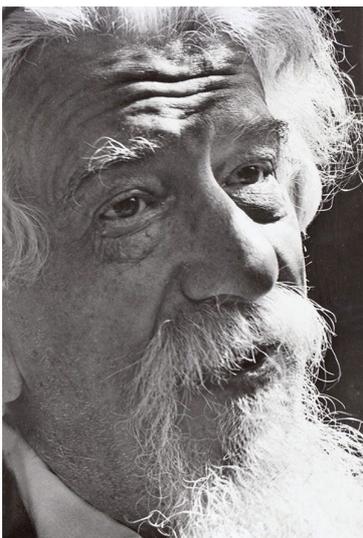
Os poemas examinados neste artigo nos ajudam a ver Deus em busca do humano em seu cotidiano, em suas práticas diárias, bem como em seus anseios e esperanças de encontrar o transcendente, o que nos ajuda a pisar no chão da vida concreta. Nos versos dos poemas enxergamos o fato de que o mundo não precisa ser feito de divisões, mas é possível viver a unidade na diversidade. Os valores dos homens e mulheres que estão sob os olhos de Deus podem ser cada vez mais humanizados, seja a visão de um salmista ou de um filósofo preocupado em pensar religiões e/ou a relação de Deus com o humano.

As religiões podem ser pontes entre as diversas confissões de fé, ao invés de serem muros fortalecidos e intransponíveis. De repente, as religiões podem ser caminhos que levam ao bem-estar da vida humana e da vida sustentável do planeta. Haja vista, tantos homens e mulheres ouvintes do chamado de Deus a entregarem-se à determinada missão. Como Heschel que como judeu foi capaz de comunicar-se

além de sua tradição religiosa com cristãos do calibre de Martin Luther King Jr, pastor batista e ativista civil nos Estados Unidos, bem como com muitos clérigos da Igreja Católica ao ponto de ter uma participação ativa no Concílio Vaticano II, importante momento do magistério da Igreja Católica Apostólica Romana nos anos de 1962-65, quando se tratou entre vários temas os intrincados assuntos sobre ecumenismo e diálogo interreligioso.

O diálogo entre uma rabina e uma teóloga interposto para que este artigo fosse escrito a quatro mãos foi, inegavelmente, de construção de pontes com olhares em perspectivas convergentes do ponto de vista religioso e, sobretudo, humano. Para a teóloga, as leituras sobre Heschel trouxeram uma agradável surpresa ao descobrir pensamentos desse rabino filósofo da religião, os quais vão ao encontro do aprendizado da tradição católica no contexto sociorreligioso. Para a rabina, que já era fã do rabino ativista ficou a constatação de que o legado de Heschel, de tantas facetas, tem algo para todos os gostos e que ele continua sendo uma inspiração para todos que tomam conhecimento de seus textos e suas ideias.

Providencialmente, a dupla de autoras teve a oportunidade de encontrar-se com Susannah Heschel, única filha do Rabino Heschel, durante sua passagem por São Paulo no mês de agosto de 2022 e pôde ouvir desta, que é herdeira e divulgadora das experiências do pai, relatos sobre como Heschel vivia sua vida religiosa e social.



Abraham Joshua Heschel



Teóloga Francisca Cirlena Suzuki, Sussana Heschel, Rabina Elca Rubstein.

Referências

A Bíblia: Salmos. São Paulo: Paulinas, 2017.

GUERRA, Danilo Dourado; NOGUEIRA, Emivaldo Silva. **A Filosofia da Religião em Abraham Joshua Heschel**: a falta de autodiscernimento e o eclipse de Deus na Modernidade. Teoliterária, v. 11, n. 24, p. 325-358. 2021)

HAZAN, M; PONDÉ, L. **A Presença de Deus no Ser Humano segundo Heschel**. Veritas, Porto Alegre, v. 63, n. 1, jan-mar. 2018, p. 121-149.

HESCHEL, Susannah. **Abraham Joshua Heschel**: Essencial Writings. 7ª. ed. New York: Orbis Books, 2011.

HESCHEL, Abraham Joshua. **God in Search of Man**: A Philosophy of Judaism. New York: Farrar, Straus, and Cudahy, 1955.

HESCHEL, A. Joshua. **Deus em busca do homem**. São Paulo: Paulinas, 1975.

Heschel, Abraham Joshua, 1907-1972. Moral Grandeur and Spiritual Audacity: collection of essays edited by HESCHEL, Susannah. Farrar, Straus and Giroux in Kindle Edition, 1996.

LEONE, Alexandre. **A imagem divina e o pó da terra**. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP-FAPESP, 2002.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**: A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2ª. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2014.

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem para o IV Dia Mundial dos Pobres**. 2020.

Disponível em

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20200613_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html. Acesso em 07/09/2022.

RICOEUR, P. A. **Hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.

SUZUKI, F. C. **Sinais dos Tempos, uma questão hermenêutica**. Revista Pistis e Praxis. Curitiba, v. 11, n. 2, p. 483-507, maio/ago. 2019